

# Book Review

---

**Simon, Robert.** *The Modern, the Postmodern, and the Fact of Transition—The Paradigm Shift through Peninsular Literature.* Lanham, MD: UP of America, 2012. Print.

Robert Simon procura neste livro articular a teoria de Kuhn acerca das mudanças de paradigma com a sua leitura das movimentações na poesia portuguesa e espanhola da segunda metade do século XX, associando esta mesma proposta de reconhecimento de uma mudança paradigmática e destas evoluções estéticas a uma transição entre o que lhe parece ser a modernidade e a pós-modernidade poéticas ibéricas.

Desde logo o ensaísta sintetiza as linhas gerais da teoria da mudança de paradigma, para clarificar a sua aplicabilidade ao contexto literário ibérico: “These theories, first pertaining to the natural sciences, and adopted later in literary criticism, bring a reformulation of the idea that Postmodernism is much more than a poetic rebellion” (x). As fases desta mudança de paradigma, tais como propostas por Kuhn, são essenciais à própria estruturação do livro, já que, juntamente com um critério geográfico que faz alternar as análises entre Portugal e Espanha e as reúne no capítulo final, essas fases determinam a organização diacrónica dos capítulos. Assim, o autor aproveita a descrição destes estágios de mudança de paradigma apresentada por Eric von Dietze: “1) Crisis Phase: anomalies arise which the present paradigm cannot explain; 2) Transitional Phase: the breakdown of the paradigm becomes universally accepted; 3) The Adoption Phase, or the adoption of a new paradigm: new paradigms are created and compete until the community accepts one as the dominant paradigm” (x).

Determinadas estas fases, o Autor sugere a aplicabilidade desta perspectiva aos estudos literários, já que estes lidam essencialmente com “competing, and ultimately very subjective, hermeneutical visions” (xi). Assim, com o cruzamento entre a teoria de Kuhn e a crítica e a teorização sobre a poesia ibérica da segunda metade do século, Simon espera demonstrar no seu ensaio que estas opções estéticas são consequência direta das mudanças sociais ocorridas. Por

outro lado, um segundo objetivo intrínseco ao projeto deste livro é o de evidenciar a importância da poesia como instrumento de clarificação das próprias mudanças sociais (xii).

Reportando-nos sucintamente à componente portuguesa do volume por uma questão estritamente de espaço, e sem que isto desvalorize a perspectiva iberianista, sintetizemos algumas das linhas de força da poesia que o autor associa à mudança de paradigma.

Simon analisa desde logo que paradigma lhe parece entrar em crise. Considera deste modo duas linhagens principais para os anos 50 e subsequentes: “By 1950, the Surrealist movement in Portugal had ended and two groups of poets took predominance” (2). Eram estes o grupo neo-realista, formado nos anos 1930 (2), que se focava em “social issues as the prime theme of literature”; e por outro lado um grupo alternativo “known as experimentalists, [ . . . ] linked more closely with the defunct Surrealist movement” que de acordo com o ensaísta tentava recriar “an essential notion of art as a reflection of influences and processes both external and internal to the self” (2), e que incluía, segundo Simon, a Poesia 61 (2), entre outros grupos.

Na sua caracterização do paradigma que entra em crise, o autor depara-se com aquela que é talvez o seu maior desafio metodológico, e que resulta tanto da associação imediata entre os paradigmas social e estético como da inevitável simplificação quanto às características dos movimentos descritos. Atribui-se assim ao Modernismo uma univocidade que seria sempre mais debatida em estudos que visassem debruçar-se sobre a sua heterogeneidade interna. Diz-nos Simon que “there is ample proof in these developments during the 1950s and 60s to indicate that the Modern paradigm, which in its nationalistic fervor has allowed for the dictatorship and colonial situation to occur, finds itself under increasing pressure. The poetic representations of this Modernism, those of the *Renascença*, *Orpheu* and *Presença* groups, ironically aided in leading Portugal to a government whose abuses of the populations under its domains no longer found justification in nationalism and isolationism. The countercurrent to the political message of the government comes, thus, from poets such as Ramos Rosa and Herberto Helder” (9-10). Se, como diz Simon, o Estado Novo aproveitou de algum discurso dos modernistas (“Pessoa’s *Mensagem* had served to bolster the nationalistic feelings that the ruling class espoused,” 9), talvez fosse de mencionar que Fernando Pessoa escreveu também, por exemplo, sátiras do

regime, ainda que menos conhecidas. Por outro lado, a referência ao Modernismo faz-nos pensar naquele que é frequentemente considerado o seu terceiro ciclo, o dos *Cadernos da Poesia*, já que estes integraram vozes muito divergentes em termos estéticos: não só o referido Ramos Rosa, mas também Jorge de Sena ou Alexandre O'Neill, que procederam a uma subversão do discurso oficial do Estado. Por outro lado ainda, talvez se enquadrasse com bastante pertinência na proposta de uma “contracorrente à mensagem política do governo” o próprio movimento surrealista, que consabidamente aliou uma estratégia de choque público à sua estética.

Finalmente saliente-se aquela que é provavelmente a principal virtude do estudo e que reside na capacidade de, a partir de exemplos concretos das obras poéticas analisadas, inferir da sua relação com o real. A título de recomendação genérica para a leitura do ensaio, note-se que, contrastando Ramos Rosa e Herberto Helder, por exemplo, é-nos dito que o segundo poeta indica “a fluidity of meaning made manifest through language’s inability to support the universal meaning that a poet like Rosa thought it should” (11). Por outro lado, no que diz respeito à Fase da Transição, em que se considera Ruy Belo e Vasco Graça Moura, Simon demonstra como estes autores usam modelos clássicos em poemas que vincam certa intertextualidade e uma invocação irónica do quotidiano, características atribuídas aqui a uma faceta de pós-modernidade. É nesta análise mais próxima de exemplos concretos da poesia estudada que se encontra o maior mérito do ensaio de Robert Simon, um volume que reúne leituras de utilidade para o estudioso da poesia ibérica da segunda metade do século XX.

Robert Simon procura neste livro articular a teoria de Kuhn acerca das mudanças de paradigma com a sua leitura das movimentações na poesia portuguesa e espanhola da segunda metade do século XX, associando esta mesma proposta de reconhecimento de uma mudança paradigmática e destas evoluções estéticas a uma transição entre o que lhe parece ser a modernidade e a pós-modernidade poéticas ibéricas.

Desde logo o ensaísta sintetiza as linhas gerais da teoria da mudança de paradigma, para clarificar a sua aplicabilidade ao contexto literário ibérico: “These theories, first pertaining to the natural sciences, and adopted later in literary criticism, bring a reformulation of the idea that Postmodernism is much more than a poetic rebellion” (x). As fases desta mudança de paradigma, tais como propostas por Kuhn, são essenciais à própria estruturação do livro, já que,

juntamente com um critério geográfico que faz alternar as análises entre Portugal e Espanha e as reúne no capítulo final, essas fases determinam a organização diacrónica dos capítulos. Assim, o Autor aproveita a descrição destes estágios de mudança de paradigma apresentada por Eric von Dietze: “1) Crisis Phase: anomalies arise which the present paradigm cannot explain; 2) Transitional Phase:: the breakdown of the paradigm becomes universally accepted; 3) The Adoption Phase, or the adoption of a new paradigm: new paradigms are created and compete until the community accepts one as the dominant paradigm” (x).

Determinadas estas fases, o Autor sugere a aplicabilidade desta perspetiva aos estudos literários, já que estes lidam essencialmente com “competing, and ultimately very subjective, hermeneutical visions” (xi). Assim, com o cruzamento entre a teoria de Kuhn e a crítica e a teorização sobre a poesia ibérica da segunda metade do século, Simon espera demonstrar no seu ensaio que estas opções estéticas são consequência direta das mudanças sociais ocorridas. Por outro lado, um segundo objetivo intrínseco ao projeto deste livro é o de evidenciar a importância da poesia como instrumento de clarificação das próprias mudanças sociais (xii).

Reportando-nos sucintamente à componente portuguesa do volume por uma questão estritamente de espaço, e sem que isto desvalorize a perspectiva iberianista, sintetizemos algumas das linhas de força da poesia que o autor associa à mudança de paradigma.

Robert Simon analisa desde logo que paradigma lhe parece entrar em crise. Considera deste modo duas linhagens principais para os anos 50 e subsequentes: “By 1950, the Surrealist movement in Portugal had ended and two groups of poets took predominance” (2). Eram estes o grupo neo-realista, formado nos anos 1930 (2), que se focava em “social issues as the prime theme of literature”; e por outro lado um grupo alternativo “known as experimentalists, (...) linked more closely with the defunct Surrealist movement” que de acordo com o ensaísta tentava recriar “an essential notion of art as a reflection of influences and processes both external and internal to the self” (2), e que incluía, segundo Simon, a Poesia 61 (2), entre outros grupos.

Na sua caracterização do paradigma que entra em crise, o autor depara-se com aquela que é talvez o seu maior desafio metodológico, e que resulta tanto da associação imediata entre os paradigmas social e estético como da inevitável simplificação quanto às características dos movimentos descritos. Atribui-se

assim ao Modernismo uma univocidade que seria sempre mais debatida em estudos que visassem debruçar-se sobre a sua heterogeneidade interna. Diz-nos Simon que “there is ample proof in these developments during the 1950s and 60s to indicate that the Modern paradigm, which in its nationalistic fervor has allowed for the dictatorship and colonial situation to occur, finds itself under increasing pressure. The poetic representations of this Modernism, those of the *Renascença*, *Orpheu* and *Presença* groups, ironically aided in leading Portugal to a government whose abuses of the populations under its domains no longer found justification in nationalism and isolationism. The countercurrent to the political message of the government comes, thus, from poets such as Ramos Rosa and Herberto Helder” (9-10). Se, como diz Simon, o Estado Novo aproveitou de algum discurso dos modernistas (“[Fernando] Pessoa’s *Mensagem* had served to bolster the nationalistic feelings that the ruling class espoused,” 9), talvez fosse de mencionar que Pessoa escreveu também, por exemplo, sátiras do regime, ainda que menos conhecidas. Por outro lado, a referência ao Modernismo faz-nos pensar naquele que é frequentemente considerado o seu terceiro ciclo, o dos Cadernos da Poesia, já que estes integraram vozes muito divergentes em termos estéticos: não só Ramos Rosa, mas também Jorge de Sena ou Alexandre O’Neill, que procederam a uma subversão do discurso oficial do Estado. Por outro lado ainda, talvez se enquadrasse com bastante pertinência na proposta de uma “contracorrente à mensagem política do governo” o movimento surrealista, que consabidamente aliou uma estratégia de choque público à sua estética.

Finalmente saliente-se aquela que é provavelmente a principal virtude do estudo e que reside na capacidade de, a partir de exemplos concretos das obras poéticas analisadas, inferir da sua relação com o real. A título de recomendação genérica para a leitura do ensaio, note-se que, contrastando Ramos Rosa e Herberto Helder, por exemplo, é-nos dito que o segundo poeta indica “a fluidity of meaning made manifest through language’s inability to support the universal meaning that a poet like Rosa thought it should” (11). Por outro lado, no que diz respeito à Fase da Transição, em que se considera Ruy Belo e Vasco Graça Moura, Simon demonstra como estes autores usam modelos clássicos em poemas que vincam certa intertextualidade e uma invocação irónica do quotidiano, características atribuídas aqui a uma faceta de pós-modernidade. É nesta análise mais próxima de exemplos concretos da poesia estudada que se encontra o maior

mérito do ensaio de Robert Simon, um volume que reúne leituras de utilidade para o estudioso da poesia ibérica da segunda metade do século XX.

**Ricardo Vasconcelos**  
*San Diego State University*